

**NARRATIVAS  
DE GÊNERO**



**RELATOS DE HISTÓRIA ORAL**

**EXPERIÊNCIAS DE ÍTALO-BRASILEIROS  
NA ITÁLIA CONTEMPORÂNEA**





Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras  
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil  
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: [edufes@ufes.br](mailto:edufes@ufes.br)  
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte  
**Vice-Reitora** | Ethel Leonor Noia Maciel  
**Superintendente de Cultura e Comunicação** | Ruth de Cássia dos Reis  
**Secretário de Cultura** | Rogério Borges de Oliveira  
**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

#### Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

**Secretário do Conselho Editorial** | Douglas Salomão

**Revisão de Texto** | Paulo Muniz da Silva  
**Diagramação** | Oficina de Letras  
**Capa** | Willi Piske Jr. e Yuri Diniz  
**Revisão Final** | Os organizadores

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

N234 Narrativas de gênero : relatos de história oral : experiências de ítalo-brasileiros na Itália contemporânea / Luis Fernando Beneduzi, Gláucia de Oliveira Assis [organizadores]. - Vitória : EDUFES, 2014.  
222 p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-7772-210-5

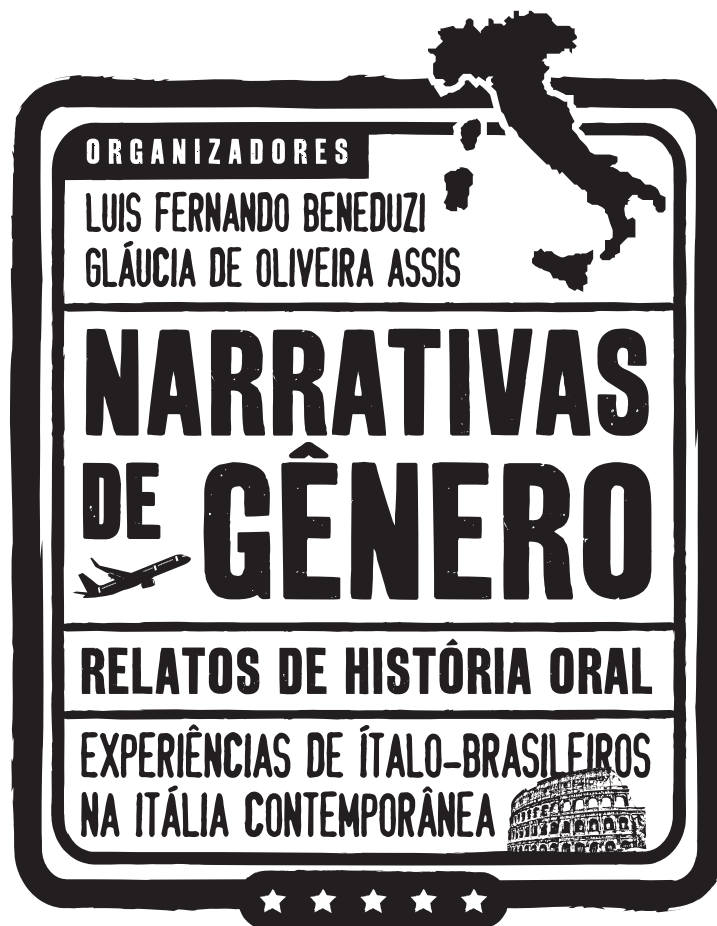
1. Identidade de gênero. 2. História oral. 3. Migração. 4. Brasileiros – Itália. 5. Italianos. 6. Brasileiros. I. Beneduzi, Luís Fernando. II. Assis, Gláucia de Oliveira, 1966-.

---

CDU: 314.15

---





  
**EDUFES**  
VITÓRIA, 2014



## SUMÁRIO

LUIS FERNANDO BENEDEZI

Introdução .....	9
Descobrimdo o objeto .....	9
Entrando no contexto .....	12
Direcionamento do olhar .....	17
Conhecendo o texto .....	20
Referências .....	25
Sugestões de leituras .....	25

<b>PARTE 1 – GENÊRO E NARRATIVAS ORAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS .....</b>	<b>29</b>
--	-----------

SUSANNA REGAZZONI

Memórias e identidade entre Itália e Argentina .....	31
Introdução .....	31
A história da imigração italiana na Argentina .....	33
El mar que nos trajo, de Griselda Gambaro .....	35
O legado das mulheres: a memória .....	40
Referências .....	44
Sugestões de leituras .....	46

RICCIARDA RICORDA

Escritoras da migração, na Itália e da Itália .....	47
Referências .....	58

CHIARA PAGNOTTA

O uso das fontes orais nos estudos sobre as migrações Contemporâneas. Observações metodológicas nos bastidores de uma pesquisa sobre o caso equatoriano .....	61
A escolha das testemunhas .....	63
Uma fonte induzida .....	65
Do oral ao escrito .....	66
Confiabilidade das fontes orais .....	68
Considerações conclusivas .....	71
Referências .....	73

INES TESTONI

Narração e reconstrução das raízes – entre gênero e reconhecimento da identidade narradora .....	77
--	----

Introdução .....	77
Narrative approach nos gender studies e na psicologia social e cultural .....	78
Identidade social migrante destacada .....	80
Restituir a historicidade às biografias através da narrativa .....	82
Os métodos para a análise da narrativa .....	84
Considerações .....	86
Finais referências .....	87

**PARTE 2 – ITINERÁRIOS MIGRATÓRIOS ENTRE A ITÁLIA E O BRASIL: OS CAMINHOS DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS .....89**

MARIA CATARINA C. ZANINI	
Santa Maria e região: pequenos e diversos pontos de partida .....	91
Imigração italiana para o Rio Grande do Sul: breves apontamentos sócio-históricos .....	93
Santa Maria e região: aspectos gerais .....	96
Por que migraram os descendentes de imigrantes italianos da região central do Rio Grande do Sul? .....	99
Considerações finais .....	101
Referências .....	102

VANIA B. M. HERÉDIA	
Experiência de migrantes ítalo-brasileiros em terras de origem .....	105
A história dos pontos de partida como espaços de imigração na região sul do Brasil: do passado ao presente .....	106
Percepções sobre as experiências com imigrantes na Itália e as dinâmicas estabelecidas .....	111
Considerações finais .....	114
Referências .....	116

MARLENE DE FÁVERI, SILVIA MARIA FAVERO AREND	
Cidadania italiana, passaporte para a europa: memórias de três mulheres (Santa Catarina – Brasil) .....	119
Considerações iniciais .....	119
Paula .....	121
Nona Maria .....	127
Joana .....	132
Palavras finais .....	135

Referências .....	137
EMERSON CÉSAR CAMPOS, MICHELE GONÇALVES CARDOSO	
Idas e vindas da ítalo-brasilidade no contemporâneo .....	141
Criciumenses e as migrações internacionais .....	142
Criciumenses na Itália .....	148
Referências .....	156
Entrevistas .....	158
GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS	
O retorno alla origine: a migração de descendentes rumo à Itália nesse início de século XXI .....	159
Introdução .....	159
As narrativas dos emigrantes .....	163
A cidade de Urussanga e as conexões com a Europa .....	164
Partindo de Urussanga rumo à Itália. ....	166
As trajetórias de migrantes mais jovens: algumas considerações .....	170
Considerações finais .....	173
Referências .....	174
LUIS FERNANDO BENEDEZI	
Vivendo em um entrelugar: um olhar sobre a experiência dos ítalo-brasileiros na Itália .....	177
Referências .....	190
SUELI SIQUEIRA, SANDRA NICOLI, MAURO A. DOS SANTOS	
Os italianos e seus descendentes no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais: a chegada dos italianos e a emigração dos descendentes para Itália .....	191
Introdução .....	191
A imigração italiana no Brasil .....	192
A chegada ao Vale do Rio Doce, Minas Gerais .....	196
As marcas da “italianidade” no território .....	204
A emigração dos descendentes rumo à terra dos nonos .....	205
Considerações finais .....	211
Referências .....	213
Sobre os autores .....	217



## INTRODUÇÃO

*Luis Fernando Beneduzi*

### DESCOBRINDO O OBJETO\*

A experiência imigratória nasce de um projeto de melhoria das condições de vida, quer em um sentido psicoafetivo, quer em um sentido socioeconômico. A decisão de partir está vinculada a uma busca de mobilidade social, às decepções afetivo-amorosas ou ao desejo de sair do horizonte de possibilidades de uma pequena cidade e conhecer outros mundos, outras experiências, as quais revelam o desejo de uma transformação no cotidiano daqueles que partem. Nesse sentido, mulheres e homens, quando partem de sua terra natal rumo ao estrangeiro, sempre percebem esse novo lugar para onde se dirigem como um espaço de realização das intenções acalentadas no período anterior à expatriação. Para esses emigrantes, a terra de chegada é sempre construída como um chão de oportunidades, um lugar mágico, um espaço onde conseguirão realizar todos os sonhos construídos na terra de partida.

Tanto nas dinâmicas imigratórias do século XIX quanto naquelas presentes na contemporaneidade, mulheres e homens, quando partem, imaginam que arrolaram todas as informações necessárias sobre o país para o qual decidiram partir, deixando a terra de nascimento e lavando uma mala carregada de saudades, mas, também, de esperanças. Diferentemente, o contato com a nova realidade vai provocar um processo de transposição, confrontos e redefinições entre a imagem construída a priori e aquela reelaborada a partir das experiências quotidianas na terra onde desembarcam.

Por um lado, o Brasil, notadamente a Região Sul e Sudeste, recebeu, no final do século XIX e início do século XX, milhares de imigrantes de diversas origens nacionais. Dentre eles, destaca-se um fluxo significativo de imigrantes italianos provenientes de diferentes regiões da Península Itálica. Por outro lado, desde a segunda metade do século XX, e neste início de século XXI, somos surpreendidos por uma inversão de tendência. Passamos a

---

\* O projeto de pesquisa que deu origem a esta publicação foi financiado pelo CNPq através do Edital 20/2010 - Gênero.

acompanhar nos jornais e, também, nas pesquisas acadêmicas, a constituição de um movimento do brasileiro rumo ao exterior, cujos principais destinos são os Estados Unidos, os países da Europa, o Japão e o Paraguai. Esse movimento humano teve início, em maneira mais esporádica, na década de 1960 e se configurou efetivamente como fluxo migratório na segunda metade dos anos de 1980. Vários estudos sobre a origem, os impactos econômicos e sociais na origem e no destino foram realizados; contudo, ao longo dos 40 anos da emigração brasileira os migrantes foram ampliando e modificando sua expectativa temporal, assim como as conexões entre as sociedades de origem e destino, surgindo uma nova categoria de emigrantes, os transmigrantes, que também será abordada nesta obra.

Na década de 1980, o fluxo de emigrantes brasileiros inicialmente se direcionou principalmente para os Estados Unidos. A partir de meados da década de 1990, mas principalmente nos primeiros anos do século XXI, passou a direcionar-se mais expressivamente para a Europa, sobretudo Portugal, Espanha e Itália. Nesse contexto, observa-se também um movimento significativo de “retorno”, rumo à região do Vêneto, dos descendentes dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil no final do século XIX. Esse novo movimento apresenta como relevantes pontos de partida as antigas regiões de imigração italiana no Sul de Santa Catarina e na Serra gaúcha.

Nesse contexto específico de brasileiros descendentes de italianos que emigram para a Europa, o movimento contemporâneo de partidas é marcado, em algumas situações, por uma espécie de retorno – não aquele físico do imigrante que volta para casa, mas do descendente que se dirige para a terra de seus ancestrais. Na verdade, poder-se-á observar uma variedade de relações que se estabelecem com a terra dos antepassados nesse processo migratório em direção à região do Vêneto e à província de Trento.

Dois pontos comuns são a busca da dupla cidadania e a recuperação da história familiar, mesmo se essas duas questões são vividas de maneira diferente pelos imigrantes. Existem casos de descendentes que mergulham num verdadeiro *back to the roots* enquanto outros vivem o processo migratório em uma perspectiva mais pragmática de obtenção da dupla cidadania, muitas vezes reemigrando. Há casos de desilusão pelo não encontro da imagem decantada nas narrativas familiares e, ao mesmo tempo, alguns imigrantes sentem-se transportados ao passado vivido pelos seus antepassados.



Não se pode esquecer, no entanto, que a leitura do retorno e da positividade de ser ítalo-brasileiro deve ser feita considerando o contínuo processo de construção de memórias sobre o fenômeno migratório. Por um lado, tem-se a experiência vivida por milhares de imigrantes europeus e asiáticos que, no período da imigração de massa (entre os séculos XIX e XX), escolheram o Brasil como destino de sua expatriação e espaço para a realização de seus projetos migratórios. Por outro, no presente observa-se o avançar de uma memória da imigração triunfante, que significou ascensão social e econômica dos descendentes de italianos, alemães, espanhóis, portugueses ou japoneses.

É importante ressaltar, porém, que essa memória vitoriosa construída nos quase 140 anos que separam o presente da chegada dos primeiros imigrantes também colabora para um encobrimento de outra memória, talvez dolorosa, dos projetos falidos, da imigração que não deu certo e do imigrante que não encontrou – na nova terra – a sua terra da *cuccagna*. Os festejos e as comemorações trouxeram consigo uma relação dialética de lembrança e esquecimento: na medida em que se enfatizava a recordação romântica de uma liturgia da conquista da “terra promessa”, relegavam-se ao apagamento as vivências que representavam um projeto frustrado.

Essa memória e esse imaginário do processo migratório tornar-se-ão, pouco a pouco, o elemento chave na leitura dos descendentes sobre a terra de partida de seus antepassados. Muitos deles – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (com ou sem dupla cidadania) aquela que é popularmente chamada de “estrada de retorno” ou “volta às raízes”, projetando para o futuro e para a velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

Em tal processo, os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que receberam uma relevante quantidade de imigrantes europeus – majormente italianos e alemães – entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, são emblemáticos para pensar esse tipo de migração. Percebe-se uma vivência diferenciada do processo de emigração que se observa no Brasil contemporâneo.

Considera-se que muitos daqueles que partem – tendo em vista o grande percentual de descendentes de europeus –, fazem parte de um movimento de “retorno”. Nesse sentido, o caso ita-

liano é único, pois não somente apresenta uma ideia de cidadania marcada pelo *jure sanguinis*, elemento que caracteriza muitos Estados europeus, como a Alemanha ou a Espanha, mas, também, não impõe uma delimitação geracional para o reconhecimento da cidadania. Dessa forma, todo descendente de italiano (por via materna, a partir de 1948) é um cidadão em potência, devendo comprovar o vínculo direto de sangue para obter a legitimação e o reconhecimento de tal direito.

Colabora com essa percepção de uma continuidade cultural o renascimento de um sentimento de pertença étnica que tem vivido um grande crescimento nas zonas de imigração italiana do interior dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e que é fruto do embate entre memórias e da vitória de uma memória triunfante, ressaltado anteriormente (ver bibliografia do projeto). A retomada de antigas dinâmicas de sociabilidade, a elaboração de roteiros turísticos que prometem um retorno ao passado imigratório, as festas que exaltam a positividade étnica dos ítalo-brasileiros, tudo se soma na construção de uma ponte que vincula o passado imigratório ao presente do descendente, criando, em inúmeros casos, uma presentificação de sensações, sentimentos e experiências. Observa-se uma apropriação da epopeia imigratória por parte do descendente, o qual assume como familiares as ações dos ancestrais: “quando nós viemos da Itália”.

A presente obra busca justamente trazer à luz, a partir de diferentes leituras que dialogam e debatem entre si, as dinâmicas de integração e ressemantização da imagem da terra dos ancestrais, presente na experiência migratória de descendentes de italianos que decidem – na contemporaneidade – viver na Itália. No confronto entre a expectativa construída no projeto imigratório e a experiência vivida na terra de chegada, é importante compreender quais percepções esses homens e mulheres produzem sobre a sua condição de descendentes imigrantes, na Itália, levando em conta que partem sentindo-se “italianos”.

## **ENTRANDO NO CONTEXTO**

No final do século XIX, a Região Sul do Estado de Santa Catarina e a Região da Serra gaúcha foram palco de um encontro de etnias das quais a italiana representou uma parcela expressiva. Os significados de ser imigrante italiano no Brasil foram vários ao longo dessa trajetória. Para compreendermos o contexto históri-

co da recente emigração de descendentes de italianos para certos países da Europa e para os Estados Unidos, apresenta-se uma breve síntese dessas representações.

Durante o Império, o extremo Sul do Brasil constituiu-se num local de destino de imigrantes estrangeiros: primeiro, os alemães; depois, os italianos e outros grupos étnicos. Dirigiram-se inicialmente para o Rio Grande do Sul, que foi o Estado que mais recebeu imigrantes italianos; depois, Santa Catarina e Paraná. Tal situação inverteu-se no período da “grande migração”, quando o governo paulista e os grandes fazendeiros de café passaram a investir na vinda dos imigrantes (SEYFERTH, 2000; BASSANEZI, 1995).

A política imigrantista, todavia, era distinta em cada província e, mais tarde, em cada Estado, que organizava seus fluxos imigratórios e construía as condições de recepção dos imigrantes. No Rio Grande do Sul, eram dadas as terras, mas eram os imigrantes que faziam o desmatamento e construía as primeiras moradias. No princípio (e fala-se da década de 1870), existia uma espécie de galpão coletivo ou uma hospedaria local dos imigrantes. Mas muitas vezes eles eram levados diretamente para as terras e construía as primeiras moradias (precárias) para a sobrevivência.

Os imigrantes, que eram pequenos agricultores, vieram atraídos pela possibilidade de ter acesso a terra; faziam parte de um projeto do Império, que consistia no povoamento da terra com base na pequena propriedade e no branqueamento da população nacional. Segundo Bassanezi (1995), os imigrantes que saíram da Itália entre 1886 e 1895 marcaram o direcionamento do fluxo para além das fronteiras da Europa, dirigindo-se principalmente para o Brasil e a Argentina, até o final dos anos 90, quando o movimento se direcionou para os Estados Unidos. No Brasil, esse contingente teve como características distintivas o número mais volumoso de migração familiar que nos outros países e o Vêneto como a região que mais forneceu imigrantes.

No caso da província de Santa Catarina, que em 1870 ainda era uma grande floresta, com a população concentrada no litoral, os imigrantes vieram para fazer a ligação do litoral com o planalto, já iniciada pelos imigrantes alemães que chegaram à região do Médio Vale do Itajaí em 1850. Os imigrantes italianos estabeleceram-se inicialmente em torno das colônias já fundadas pelos teutos, como Itajaí, Brusque e Blumenau. Esses imigrantes fundaram ainda outras colônias, como Botuverá e Nova Trento, e dirigiram-se para o Sul da província, fundando as colônias de

Tubarão, Azambuja, Urussanga e, mais tarde, Criciúma.

A situação gaúcha se assemelha àquela catarinense, no sentido que os imigrantes italianos também iniciaram o processo de ocupação do território a partir das zonas limítrofes da imigração alemã. Como numa escalada em direção à Região serrana, os italianos – chegados por Porto Alegre – superaram São Sebastião do Cai e a Feliz, para subir a montanha em direção às três primeiras colônias imperiais, fundadas já na década de 1870. Nesse continuum de colonização, foram povoadas as colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres.

Mais tarde, mas ainda no século XIX, nasceu a colônia de Alfredo Chaves e a chamada quarta colônia, na região de Santa Maria, no planalto médio. No entanto, pode-se dizer que o processo de deslocamento não terminou com a ocupação dessa Região, mas foi constantemente atualizado durante o século XX, com as reimigrações em direção ao Noroeste do Estado, ao Sul e Oeste de Santa Catarina, e em um movimento que sobe pelo Oeste do Paraná e se direciona ao centro do país e à fronteira Sul que prossegue até o Estado do Acre.

A política imigratória nesse período representava uma estratégia que tinha iniciado no Império e permanecido durante a Primeira República, principalmente após a abolição da escravidão, e que consistiu em articular a política imigratória com os interesses de povoamento e de fornecimento de mão de obra livre e branca, numa tentativa de aproximar o Brasil dos padrões de eugenia europeus (SEYFERTH, 1996).

Em São Paulo, Região para a qual se dirigiu a maior parte dos fluxos de imigrantes italianos a partir de 1880, a integração na comunidade nacional foi mais rápida. Nas colônias do Sul, o isolamento permitiu a manutenção de grupos um pouco mais homogêneos, que produziram endogenamente uma unidade cultural marcada pela diversidade das regiões de proveniência. Assim, o processo de integração levou mais tempo, mas foi bem mais intenso; ocorreu em espaço de tempo bem mais rápido para os italianos do que para os imigrantes alemães, que haviam chegado anteriormente (BASSANEZI, 1995). Sobretudo depois dos anos 1940, com a política de nacionalização varguista, as zonas coloniais sofreram um processo acelerado e forçado de integração, principalmente linguística.

A imigração, para além da passividade, é memória e representação da experiência vivida, que foi sendo elaborada e estruturada

desde as primeiras comemorações, nos cinquenta anos da “colonização italiana no Brasil”. Nos relatos sobre a configuração dessas colônias, destacam-se a imagem do imigrante pioneiro e a importância da migração familiar. É importante observar que os relatos sobre a história da cidade e das zonas de colonização enfatizam a imagem heroica do pioneiro: ideia-imagem que identifica a coletividade. Dessa forma, mesmo sendo a família o núcleo colonizador da região, a história da ocupação era contada a partir do masculino, sendo as mulheres tratadas como aquelas que acompanharam os maridos ou que cuidaram dos filhos.

Somente década de 1970, principalmente nas festas que ocorreram tanto no Estado de Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul em que se comemorava o Centenário da Imigração em várias regiões ocupadas por italianos, que o discurso de pertencimento foi sendo revalorizado. A data constituiu-se em um motivo para “resgatar” fragmentos identitários perdidos durante o Estado Novo e recuperar a positividade de elementos que pertenciam ao grupo (como o dialeto e as canções étnicas), mas que foram escondidos “embaixo do tapete” tanto pela ação coercitiva do Estado quanto por sua incongruência com um mundo que se buscava modernizar/urbanizar, e para o qual eles representavam a tradição e a sociedade rural.

O movimento de valorização da italianidade nas cidades da região Sul, como em Criciúma, Urussanga, Bento Gonçalves, Vale Vêneto e outras cidades da colonização italiana, ocorreu num período em que as festas étnicas ganharam expressão nacional. No caso da Região Sul do Estado, mas que pode ser extrapolado também para o Rio Grande do Sul, conforme Savoldi (1998, p. 40), a redescoberta de uma identidade étnica conduziu a um processo de inventário da italianidade na Região. Desse modo, a cultura italiana resgatada pelas várias associações italianas refere-se a uma releitura que os descendentes de imigrantes fazem do passado: a imagem do colono rude e agricultor é revalorizada, assim como todos os elementos que ajudam a reconstruir a italianidade.

Na esteira dessa recuperação de certa “matriz” étnica nos anos de 1980 e 1990, por intermédio de convênios com algumas regiões da Itália<sup>1</sup>, os netos e bisnetos dos imigrantes do século

---

<sup>1</sup> Segundo Savoldi (1998), o Sul do Estado vem investindo em festas típicas italianas para criar a sua marca como Região e atrair turistas italianos. A cidade de Urussanga é considerada a capital italiana de Santa Catarina e possui um projeto de cidades-irmãs (Gemellaggio), Urussanga e Longarone, que tem por objetivo promover o intercâmbio cultural entre as duas cidades e os dois países. O convênio de Criciúma foi assinado mais recentemente, em dezembro de 2000, entre Criciúma e Volpago Del Montello (Treviso), Itália (Dados do trabalho de campo realizado em Criciúma em 2000).

XIX partiram para Itália, a fim de reencontrar seus parentes, da mesma forma que italianos vieram conhecer um pedacinho da Itália no Brasil. A partir desse intercâmbio, as cidades do Sul de Santa Catarina – Urussanga, Araranguá, Nova Veneza, Cocal do Sul, Rio Jordão e Criciúma – passaram por um processo de reconstrução das tradições italianas, revalorizando os brasões de família, a língua e as comidas típicas, que se tornaram elementos de atração para que os italianos viessem conhecer no Brasil uma Itália que não existe mais.

No caso do Rio Grande do Sul, são inúmeros os processos de *gemellaggio* entre cidades de imigração italiana e aquelas de origem dos imigrantes do século XIX, o que tem promovido, nos últimos anos, inúmeras viagens de intercâmbio, com o objetivo de manter/recuperar/reforçar os laços étnicos entre os vênетоs-trentinos-friulanos deste e daquele lado do oceano.

Políticas regionais italianas, algumas com forte marca partidária, têm dado ênfase a um pertencimento que extrapola a realidade territorial da Península e se enraíza nos antigos espaços de imigração. Associações étnicas sediadas no Brasil e na Itália têm procurado ativamente fortalecer elementos dialetais e culturais que permitam manter e ampliar pontes entre as coletividades de descendentes do Norte da Itália residentes em zonas históricas de imigração na América latina.

Como consequência de todos esses movimentos – internos e externos às comunidades de imigração –, os descendentes dos imigrantes foram estimulados por programas de intercâmbio com a Itália a enfatizar a ascendência italiana das segundas e terceiras gerações de imigrantes espalhados pelo mundo, colaborando para a ampliação de uma ideia de italianidade que extrapola as fronteiras do território nacional, considerando que dentre esses novos sujeitos encontramos, também, aqueles com dupla cidadania, os quais têm, inclusive, direito ao voto. Esse processo oferece aos descendentes um reencontro com a Itália, terra de seus antepassados, e uma possibilidade de redescobrir sua italianidade.

Por outro lado, em um âmbito mais prático e pragmático, a dupla cidadania abre para esses brasileiros descendentes o mercado de trabalho na comunidade europeia, uma vez que, a partir de convênios com algumas cidades na Itália, os ítalo-brasileiros conseguem contratos de trabalho temporários durante o verão europeu na Itália e na Alemanha e, assim, passam de seis a oito meses na Europa e, depois, retornam para o Brasil.

Esses trabalhadores temporários são reconhecidos pelos



consulados italianos e, pelo fato de possuírem o passaporte italiano, podem trabalhar sem problemas na Itália. Em um contexto de revalorização da identidade italiana, nesse encontro de culturas os emigrantes temporários surpreendem-se quando chegam à Itália e são reconhecidos como brasileiros, portanto, estrangeiros. Esse é um primeiro choque, pois se encontram com aqueles que julgam ser seus compatriotas, mas são distinguidos do grupo, não sendo reconhecidos como italianos. Por isso, os imigrantes, em alguns casos, sentem-se objeto de “certo preconceito”.

Nesse contexto, os imigrantes que partiram rumo à Itália, principalmente em direção à região do Vêneto, vivenciaram o confronto entre a Itália imaginada, que funda raízes na memória familiar e comunitária, e a experiência cotidiana de se descobrirem brasileiros/as na Itália. Buscando percorrer essas trajetórias de homens e mulheres no contexto italiano, esta obra pretende reconstruir suas histórias de vida, com ênfase em suas experiências migratórias, desde a partida das zonas de colonização italiana, particularmente dos núcleos rurais, na Serra Gaúcha e no Sul de Santa Catarina, procurando, também, compreender os impactos nas relações familiares e de gênero. Portanto, pretende-se, ainda, demonstrar como o gênero é um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, junto a outras categorias como classe, geração e etnia, configura as oportunidades para homens e mulheres no decorrer do processo expatriação e marca suas relações com a terra de acolhida. Nesse sentido, analisar-se-ão as experiências de mulheres e homens nesse processo, dando destaque às transformações nas relações familiares e de gênero.

#### **DIRECIONAMENTO DO OLHAR**

A pesquisa de campo que norteou o projeto sobre o qual se embasa o presente livro procurou seguir o percurso dos e/imigrantes desde a decisão de partir, passando pela organização da viagem, até as inter-relações hodiernas no contexto da terra de acolhida. Nesse sentido, o ponto de partida foi o contato com emigrantes que haviam voltado para o Brasil ou com familiares residentes nas regiões de colonização italiana em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e aqueles que ainda viviam na Itália. Foi nesse contexto da terra de partida que se procurou localizar as mulheres e os homens e/imigrantes na região do Vêneto, re-

construindo seus percursos migratórios e as redes que teceram ao longo desse processo.

Nesse sentido, o trabalho de campo implicou um deslocamento dos pesquisadores para as regiões de origem do processo, no Brasil, e, depois, para as cidades de destino na Itália, a fim de acompanhar a vida cotidiana dos emigrantes. Assim, além das entrevistas, trabalhou-se com a perspectiva da observação participante, tanto nas regiões de origem quanto naquelas de destino dos emigrantes.

Um dos elementos centrais para a análise enquanto fonte de pesquisa foi a produção de entrevistas com diferentes grupos de imigrantes brasileiras – provenientes das zonas de colonização italiana do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – residentes nas cidades do Nordeste italiano, buscando mergulhar nas experiências individuais do processo migratório, entendendo cada momento dessa deslocação – partida, viagem (trânsito), chegada – como um espaço-tempo de produção de memórias, de representações e de identidades. Destaca-se que se utilizou o conceito de chegada trabalhado por Leed (1992).

A chegada, assim, não se dá necessariamente no momento do desembarque físico do imigrante, pois pertence a um âmbito psicoafetivo, podendo – dessa maneira – ocorrer em diferentes situações posteriores à entrada do imigrante na nova terra. Ainda, segundo esse autor, chegar é dar-se conta de que a viagem terminou e que se estabeleceu uma nova morada e novas relações que criam uma sensação de imutabilidade da experiência migratória, a sua irreversibilidade.

As entrevistas foram obtidas em diferentes realidades geográfico-culturais do contexto italiano (Vêneto, Trentino Alto Adige e Lombardia), buscando mapear as possíveis diversidades com relação às leituras sobre os pequenos pontos de partida da terra de nascimento, os espaços de chegada à terra de acolhida e o modo como a experiência presente interferiu no processo de rememoração e reelaboração de uma imagem de pátria, entendida como *homeland*. Nesse sentido, buscou-se mapear o Nordeste da península, lugar por excelência dessa imigração brasileira identificada como “de retorno”, considerando tanto a noção identitária de pertencimento, muito marcada nas populações de descendência italiana do Sul do Brasil, como as potencialidades de oferta de trabalho que se encontram nessa porção da Itália.



Especificamente, deu-se uma maior atenção às cidades e províncias de Verona, Treviso e Pádua. No Vêneto, região principal do Nordeste italiano, destaca-se a cidade de Verona, uma capital provincial de porte médio. Nessa cidade, observa-se uma força relativa da presença brasileira, sendo relevante a análise das sociabilidades e sensibilidades na busca de perceber em que medida o fato de ser descendente de italianos (sobretudo de vênnetos) ajudou a mitigar uma sensação de discriminação social, étnico-nacional e como essa foi percebida nas experiências vivida pelos descendentes analisados.

Sobre as entrevistas, é importante informar que foram organizadas a partir de eixos temáticos de discussão, seguindo os itinerários do processo mnemônico (os fios da memória). Não se utilizou como ponto de ancoragem uma série de perguntas para serem feitas no momento do encontro com o depoente/testemunha, tampouco se esperou que as entrevistas seguissem um mesmo delineamento de informações. As questões foram nascendo da própria dinâmica dialógica entre o pesquisador e o entrevistado.

A dinâmica usada residia no fato de entender-se a fluência da entrevista como um elemento importante no processo de pesquisa, tendo em vista que permite observar as diferentes dinâmicas de elaboração do discurso sobre a experiência passada, além de uma perspectiva de releitura por parte do entrevistado de sua própria experiência. A “conversa livre” permitiu uma maior intimidade – construída ao longo do processo de intercomunicação – e a elaboração de uma lógica individualizada, relativa especificamente a cada experiência da imigração. Obviamente, teve-se como ponto basilar um roteiro temático seguido pelo pesquisador, mas este não foi transformado numa camisa de força; funcionou apenas como um fio condutor do diálogo e pró-memória sobre as questões principais que norteavam e tangenciavam a pesquisa.

Enquanto entrevistas semiestruturadas, mesmo não contendo um roteiro específico em forma de questionário, as conversas com as imigrantes brasileiras na Itália, assim como com os parentes que permaneceram nos pequenos pontos de partida brasileiros, foram conduzidas no sentido de mapear alguns objetivos centrais da pesquisa: descrição dos eventos que delineiam a e/imigração; captação dos aspectos psicológicos relativos à motivação intrínseca (realização pessoal) e à motivação extrínseca (instâncias sociais) que ativaram o processo migratório; busca

das expectativas e das representações anteriores à partida, considerando uma construção pessoal de uma identidade social “italiana” (vista como reconhecimento de aspectos que garantem o pertencimento ao grupo); observação das diferenças com relação a essa identidade social “italiana” a partir da chegada à Itália; e definição do projeto migratório familiar na história biográfica individual e dos seus sucessos/insucessos, tendo como referência as causas internas e externas do êxito.

Como última etapa do processo de execução do projeto de pesquisa, foram sendo analisadas e entrecruzadas as diferentes categorias que iam surgindo ao longo da investigação. Foi-se, também, estruturando uma cartografia do processo imigratório, com o objetivo de levantar as distintas produções imagéticas sobre um Brasil e uma Itália imaginários que flutuam na mente das imigrantes brasileiras (descendentes de italianos), que participam de um processo histórico de deslocamento e de recriação, tendo por base as vivências do presente e a interação com a sociedade da terra de chegada.

## **CONHECENDO O TEXTO**

A presente obra é dividida em duas seções distintas, mas complementares, sendo distribuída em diferentes artigos, produzidos por colegas que participaram do processo de pesquisa. Na primeira seção, deu-se mais ênfase às questões teóricas que nortearam a pesquisa e os elementos que colaboraram para a compreensão e análise do objeto específico, a saber: discussões sobre gênero e sobre a metodologia de pesquisa em História oral. Na segunda, diferentemente, apresentou-se uma perspectiva mais prática, com o resultado da pesquisa de campo articulando os elementos teórico-metodológicos às fontes orais coletadas, às observações do campo e ao trabalho de arquivo. Cabe ressaltar que a segunda parte deste livro, na sua diversidade, oferece um olhar plural sobre o processo migratório de descendentes de italianos na Itália contemporânea tanto sob a perspectiva geográfica – análise de indivíduos provenientes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Minas Gerais e do Espírito Santo – quanto sob aquela socioetária, com diversificados níveis sociais e de instrução e faixa etária.

Dando início à primeira parte do livro, Susanna Regazoni abre o procedimento de análise dos estudos de gênero nos processos migratórios, oferecendo uma ênfase maior às

relações entre o masculino e o feminino, aos espaços ocupados por cada um deles. A partir da literatura e do trânsito pela vida das protagonistas femininas do romance *El mar que nos trajo*, tem-se um mergulho nas experiências migratórias que produzem identidades tecidas pela memória, sinal distintivo do feminino. Nas idas e vindas que caracterizam o romance, percebe-se uma passagem de leituras diferenciadoras que marcam o olhar sobre as terras de partida e de acolhida.

No mesmo olhar, a partir da literatura sobre os estudos de gênero e sobre os espaços no feminino nos processos migratórios, Ricciarda Ricorda busca analisar, no seu texto, as marcas da narrativa e do direcionamento analítico das escritoras migrantes. Partindo da experiência do Arquivo de Escrituras e Escritoras Migrantes, nascido em Veneza em março de 2011, a autora propõe uma viagem pela produção imigrante feminina na Itália. Dessa forma, a primeira parte da obra procura discutir, sob o ponto de vista teórico, a relação que se estabelece entre imigração e gênero, mas, também, as representações identitárias marcadas pela expressão linguística, que perpassam o fenômeno migratório enquanto vivência individual e coletiva. Falando da escritora brasileira emigrada na Itália, Christiana de Caldas Brito, traz à luz esse processo de idas e vindas que marcam as dinâmicas contemporâneas dos descolamentos humanos as quais são experiências físicas, mas, também, de escritura.

Continuando a discussão teórica, mas mudando o foco para as questões metodológicas que envolvem as análises – a partir da História Oral – dos processos migratórios, Chiara Pagnotta apresenta um estudo sobre os relatos e autobiografias, inserindo a especificidade do trabalho com as narrativas orais na especificidade da coleta e do trabalho com esse tipo de vestígio do passado. Procurando analisar – também em maneira prática, a partir de sua pesquisa de campo – os limites e os aspectos positivos do uso da fonte oral para ler o passado, elabora um breve itinerário sobre o trabalho com a oralidade, desde a preparação da entrevista até sua utilização na produção do texto analítico por parte do pesquisador.

Ines Testoni encerra a primeira parte do livro com a análise de uma perspectiva metodológica específica – *Narrative Approach* –, destacando-a como uma estratégia funcional para a pesquisa com/sobre mulheres. A autora procura demonstrar de que maneira esse tipo de instrumento pode permitir uma leitura mais

profunda e verossímil do vivido das mulheres imigrantes, as quais se encontram no estrato mais baixo da hierarquia social, apresentando maiores dificuldades de expressão na coletividade. Questões de identidade e biografia entrecruzam-se na busca de trabalhar os traumas e conflitos presentes no complexo processo de deslocamento e integração.

A segunda parte da obra, que oferece uma aplicação em diferentes estudos de caso, das análises relacionadas à História oral e aos Estudos de gênero, começa com um mapeamento do espaço emigratório, a antiga quarta colônia, espaço de imigração italiana de finais do século XIX e início do XX, na atual Região no entorno da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Nesse texto, Maria Catarina Chitolina Zanini reflete sobre esse espaço de emigração enquanto ponto de partida do processo de “retorno”. Sua leitura é construída em uma análise histórico-antropológica da região onde a especificidade do contemporâneo é entendida num histórico de mobilidade que marcou as famílias dessa zona de imigração italiana.

O estudo apresentado por Vania Beatriz Merlotti Herédia também oferece um olhar sobre o lugar de partida dessa imigração de “retorno”, agora em outra zona gaúcha, onde a imigração italiana do século XIX foi muito forte, sendo essa zona a sede da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Num primeiro momento, a autora busca dar a conhecer a realidade do processo imigratório italiano que fundou e construiu a cidade de Caxias do Sul, local no qual foi forjado, progressivamente, o mito do imigrante. Em seguida, com entrevistas realizadas no espaço de partida, são analisados os relatos daqueles descendentes que, tendo vivido por um período na Itália, voltaram para o Brasil. As questões centrais analisadas são as experiências vividas na Península Itálica e as dinâmicas que envolveram o processo de expatriação e volta para o Brasil, cuja descrição ressalta os motivos atribuídos pelos migrantes para a dinâmica da qual foram protagonistas.

Em outro contexto, o interior do Estado de Santa Catarina, na região de Turvo, Marlene De Fáveri e Silvia Maria Favero Arend também dão continuidade à análise do espaço de partida dessa imigração de “retorno” ao interno das questões identitárias que envolvem o conceito e as representações de italianidade em Turvo. As autoras constroem sua análise a partir das trajetórias de três gerações de mulheres de uma família de imigrantes italianos da região, acompanhando – pelo relato oral – sua decisão de

emigrar, as dinâmicas que envolveram as escolhas e a experiência migratória em suas vitórias e dificuldades. No entrelaçamento dessas três vidas, podem-se perceber as relações de poder, as representações sociais, as sensibilidades e as sociabilidades nos pequenos espaços da imigração italiana, considerando os símbolos de status que se cristalizam na comunidade, dentre os quais a posse da cidadania italiana e a possibilidade de viajar para a Itália e outros países da Europa.

O artigo de Emerson César Campos e Michele Gonçalves Cardoso mostra – dentro do contexto da zona Sul catarinense inserido numa discussão maior acerca da emigração criciunense – os impactos dos fluxos migratórios contemporâneos. Os autores trazem à luz os conflitos que envolvem as diferentes percepções sobre a terra de acolhida, no caso específico, o Norte da Itália: uma percepção construída ainda antes da viagem, quando a terra de chegada era aquela sonhada, e outra forjada na experiência concreta da imigração, nas relações quotidianas com a Península Itálica. Uma questão destacada no texto, em uma realidade de descendentes que hoje decidem seguir uma segunda dinâmica migratória, agora de volta para o Brasil, está vinculada às consequências desse processo para a cidade de origem.

Também Gláucia de Oliveira Assis busca analisar as dinâmicas que marcam o fenômeno migratório de descendentes de italianos desde o Sul de Santa Catarina, a partir do caso de Urussanga, na Itália contemporânea. Seu objeto principal é reconstruir as redes tecidas ao longo do processo expatriação que vinculam os dois lados do oceano – as terras de partida e de chegada. Em um conjunto de entrevistas que articulam os imigrantes que voltaram para o Brasil, urussanguenses residentes na Itália e seus parentes que ficaram o Brasil, a autora busca pensar os processos de construção da italianidade na zona de origem, a cidade catarinense, e como essa reflete nas leituras e percepções dos ítalo-brasileiros que vivem ou viveram o processo de imigração na península itálica.

Luis Fernando Beneduzi utiliza a experiência migratória de uma descendente de italianos (trentinos), que provém de uma vivência entre a zona de imigração italiana do Norte de Santa Catarina e o interior do Estado do Paraná, para pensar nas dinâmicas de recuperação do passado familiar que marcam a ideia de um retorno às raízes, por parte dos descendentes de italianos que decidem se mudar para a Itália. O processo de deslocamento na realidade

estudada é marcado pelo encontro entre a memória construída nos espaços da antiga imigração de finais do século XIX e a vivência dos lugares narrados nos espaços familiares de sociabilidade. O autor destaca esse entrelugar vivido pelo imigrante que se descobre brasileiro no dia a dia da Itália, mas, ao mesmo tempo, se sente parte daquela “nova” realidade, porque é descendente.

Pensando na questão da italianidade, Sueli Siqueira, Sandra Nicoli e Mauro Augusto dos Santos trazem à luz as dinâmicas identitárias presentes numa zona de imigração italiana no Estado de Minas Gerais, na fronteira com o Espírito Santo: a Microrregião do Rio Doce. O texto parte da descrição do processo de ocupação da terra pelos imigrantes italianos e de construção da identidade italiana na Região, destacando nesse sentimento de pertença uma ideia de italianidade que perpassa as narrativas da comunidade. Num segundo momento, os autores procuram analisar as bases de um movimento inverso, de saída, que – a partir do final dos anos 1990 – começa a se dirigir para o Norte da Itália. Nesse ponto, são apresentadas as experiências que marcam a expatriação, com uma ênfase maior no conflito identitário que se agudiza na terra de chegada, quando esses imigrantes que se sentiam italianos são percebidos como “outros” pelos “compatriotas” da Península Itálica, descobrindo-se diferentes.

Os artigos reunidos nesta coletânea revelam certa cartografia da emigração de descendentes rumo à Itália – terra de seus nonos e nonas –, demonstrando como nesse processo homens e mulheres negociam suas italianidades, suas noções de pertencimento e revelando, por meio de seus relatos orais, o impacto da migração em suas vidas cotidianas, nas relações de gênero e nas suas identificações. “O trem que chega é o mesmo trem da partida”, mas a viagem, com seus encontros e desencontros, transformou suas vidas.

## REFERÊNCIAS

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fnuap, 1995, v. 1, p. 3-35.

LEED, Eric. *La mente del viaggiatore*. Dall'odissea al turismo globale. Bolonha: Il Mulino, 1992.

SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso*: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. 156 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77438>>.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz: CCBB, 1996.

\_\_\_\_\_. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, G. de C. Leite. (Org.). *Região e tradição na América Latina*. Brasília: UnB, 2000.

## SUGESTÕES DE LEITURA

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origins and spread of nationalism. London-New York, 1991.

ASSIS, Gláucia. *De Criciúma para o mundo*: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 340 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, 2004. Disponível em: <<http://www.biblioteca-digital.unicamp.br/document/?code=vtls000340341>>.

ASSIS, Gláucia; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a



configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *Remhu* (Brasília), v. 16, p. 25-46, 2009.

AUGÉ, Marc. *Rovine e macerie*. Il senso del tempo. Torino: Bollati Boringhieri, 2004.

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo; BÓGUS, Lúcia Maria. Italianos para o Brasil, brasileiros para a Itália: dois momentos da imigração internacional. In: PAVIANI, Jayme; DAL RI JUNIOR, Arno. (Orgs.). *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre, Edipucrs, 2000. (p. 295-313).

BENEDUZI, Luis Fernando. *Os fios da nostalgia*. Perdas e ruínas na construção de um vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

\_\_\_\_\_. Identità ibride: dinamiche immigratorie brasiliane nell'Italia contemporanea. *Naveg@mérica – Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*, v. 2, p. 1-16, 2009.

\_\_\_\_\_. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileira na Itália. *História oral (Rio de Janeiro)*, v. 12, p. 225-248, 2009.

BONIFAZI, Corrado. *L'immigrazione straniera in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2007.

CAMPOS, Emerson de. *Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)*. 222 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História – UFSC, 2003. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../199015.pdf>>.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.



PASSERINI, Luisa. *Storia orale*. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne. Torino: Roemberg & Sellier, 1978.

PORTELLI, Alessandro. *Storie orali*. Racconto, immaginazione, dialogo. Roma: Donzelli editore, 2007.

SAYAD, Adelmalek. A Imigração nos paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. *La doppia assenza*. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2002.

ZANINI, Maria Catarina. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. *Mana* 13(2): 521-547, 2007.